

# A Esposa de Pastor: Identidade entre Família, Profissão e Igreja\*

Christoph Schneider-Harpprecht  
Valburga Schmiedt Streck

## 1. Introdução: Aspectos Históricos

Ser casada com um pastor e viver ao lado dele na comunidade — a preocupação com este tipo de vida, com as suas possibilidades, exigências e dificuldades, não é nova. Ela está presente desde a época da Reforma, quando Lutero e outros líderes do movimento reformador decidiram casar-se e romper com o celibato obrigatório para os padres. Isto levou à criação da “casa pastoral”, que durante séculos foi uma instituição típica das igrejas protestantes e deu contribuições notáveis à cultura ocidental. A casa pastoral era uma instituição porque ali, no centro da comunidade, o pastor e a sua esposa viviam com os seus filhos o matrimônio como um chamado de Deus, conforme a doutrina da Reforma. O amor entre eles não era o mais importante e não servia de fundamento do matrimônio. Mas o casamento era considerado uma necessidade de homem e mulher, que, como criaturas de Deus, procuravam um ao outro sexualmente. Como ordem de Deus para a criação o matrimônio era uma tarefa, *Berufung und Beruf*, vocação e profissão.

O matrimônio do próprio Lutero com a freira Katharina von Bora, que serviu de exemplo para gerações de pastores e, além disso, para toda a Igreja Luterana, mostra o significado disto: eles não casaram por amor, mas por motivos racionais. Como mulher ela não tinha direitos. Assumiu as suas tarefas enquanto esposa, mãe e dona de casa como profissão que possibilitou economicamente o trabalho e os vastos contatos sociais do marido. A sua casa pastoral era uma microempresa na área da agricultura que ela, como mulher, dirigia. Esse modelo econômico e social de casa pastoral encontramos também na nossa Igreja desde o século passado. Os papéis de homem e mulher eram altamente determinados pela sociedade, enquanto que a individualidade não importava tanto. As mulheres assumiam o papel da auxiliadora silenciosa que se responsabiliza pela casa, pelas crianças e, em parte, também pela economia. Vivendo conforme essas expectativas sociais, as mulheres realizavam a sua identidade como esposa de pastor.

No séc. 19 o matrimônio do pastor foi muito idealizado a partir do romantismo. Considerou-se a casa pastoral quase o berço do matrimônio cristão, matri-

mônio em que homem e mulher se unem em amor profundo, trabalham esforçadamente no rebanho do Senhor para a salvação das almas, criam os filhos num clima de harmonia, obediência e carinho e cultivam na educação as belas artes, a música em especial. Um livro sobre as tarefas da esposa de pastor, publicado na Inglaterra em 1832, diz que o objetivo dela deve ser sempre

o progresso do ministério do marido, a salvação das almas confiadas à responsabilidade pastoral dela e o alívio das suas necessidades temporais. Deixe-a sentir que, ao tornar-se esposa de pastor, ela por assim dizer se casou com a comunidade do marido e para o melhor interesse do seu rebanho... Feliz, três vezes feliz a mulher cristã à qual é permitido dedicar sua vida, seu tempo e seus talentos ao serviço do seu Deus e Salvador! Ele não irá se esquecer de seu trabalho e seu labor de amor. Ela irá receber uma coroa de glória.<sup>1</sup>

As funções da esposa do pastor na comunidade são abrangentes: ajudar na evangelização, visitar os pobres e doentes, prestar assistência social e serviços médicos básicos, dirigir a escola dominical, envolver-se com a juventude e com a capacitação de adultos, organizar uma biblioteca na comunidade. Quer dizer: nas expectativas da direção da Igreja e da comunidade a esposa do pastor quase não dispunha de tempo livre para si mesma. Ela era “evangelista, assistente social, enfermeira, educadora”, tudo ao mesmo tempo e sem remuneração. Os salários dos pastores naquela época geralmente eram baixos.

Não há dúvida de que esse ideal puritano também esteve e, de uma forma modificada, ainda está presente na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), em que os pastores que queriam casar-se apresentavam a sua futura esposa ao pastor presidente e pediam permissão. Também era natural que ela seguisse o marido para onde a Igreja o enviasse depois do seu estudo, mesmo que isto significasse que ela deixaria a sua profissão ou interromperia os estudos. Conforme a visão tradicional que ainda é bastante forte na Igreja, a esposa do pastor deve organizar a sua vida orientando-se pelas necessidades do ministério do marido e, em termos ideais, assumir a sua parte na comunidade e em casa para ajudar na realização do ministério. Em primeiro lugar, não achamos nada de negativo nisso, desde que uma mulher consiga decidir-se livremente por esse modo de vida. Quem leu as memórias de Hanna Götz nos últimos números do *Jornal Evangélico* entende como uma mulher, apesar das enormes dificuldades que enfrentava numa situação pioneira, podia encontrar a sua identidade e sentir-se realizada e satisfeita na sua função como “a mulher ao lado do marido pastor”.

Porém as circunstâncias sociais, bem como o papel e a autocompreensão da mulher na sociedade, mudaram nas últimas décadas, e isso levou a uma mudança radical também entre as esposas de pastor, um fato que atinge cada vez mais as famílias de pastor e provavelmente vai provocar mudanças no futuro.

— Nas comunidades e especialmente entre os jovens o casamento está perdendo o seu sentido como união única e duradoura na relação entre homem e

mulher. Isto afeta também os estudantes de Teologia. As respostas à insegurança em relação ao matrimônio refletem-se ou em posturas liberais ou pseudoconservadoras. Uns vivem a sua sexualidade livremente, correm o risco de uma gravidez fora do casamento e, ainda, casam obrigados, sentindo a pressão da família e da instituição Igreja. Outros seguem uma moral rígida que proíbe sexo antes do casamento e, por causa disso, envolvem-se prematuramente e sem se dar tempo suficiente para adaptar-se num casamento. Nos países do Primeiro Mundo o divórcio tornou-se uma realidade também para muitos casais de pastores. Anos atrás nos Estados Unidos “entre os profissionais os pastores estão em terceiro lugar nos divórcios concedidos anualmente”<sup>22</sup>.

— As esposas dos pastores e os esposos das pastoras provêm de um ambiente em que não têm mais necessariamente uma relação nítida com a Igreja e a Comunidade. Casam com a pessoa que amam e querem viver com ela. Entendem o pastorado como uma profissão que assumem e exigem a divisão entre trabalho e vida privada como em outras profissões.

— A emancipação das mulheres e as necessidades econômicas levaram mais esposas de pastor a assumir um trabalho remunerado. Isto limita a disponibilidade para a família e para a comunidade. Necessariamente o pastor tem que assumir mais tarefas em casa.

— A importância da família nos valores da classe média aumentou. Hoje em dia também na família do pastor a família e o matrimônio têm prioridade e o trabalho vem em segundo lugar.

— Aumenta o número de casais pastores em que cada um assume a metade de um pastorado. Este modelo cria conflitos e problemas específicos.

Em função dessas mudanças não há mais um modelo comum para o papel social da esposa de pastor. As expectativas da comunidade na grande cidade e na área rural são diferentes. Há também diferenças regionais. A visão do papel da esposa de pastor no interior de Espírio Santo é outra do que em Porto Alegre. A compreensão da sua função muda conforme o tipo da pessoa, conforme os valores e normas estabelecidos na relação com o marido, conforme o estilo de vida espiritual que a esposa de pastor vive a partir da sua história particular.

Queremos a seguir descrever três diferentes modelos de como mulheres entendem e organizam a sua vida como esposa de pastor. Todas estão respondendo a um sistema familiar cujas características específicas são em muitos aspectos provocadas pela profissão do pastor. Perguntamos em seguida: o que é típico para esse sistema familiar? Depois vamos entrar em questões mais específicas como a questão da casa e do dinheiro, a questão do tempo, a questão da profissão da esposa de pastor, a situação dos filhos e a questão da sexualidade e do ciúme.

## **2. Entre Cozinha, Escrivaninha e Altar — Modelos de Vida como Esposa de Pastor**

### **2.1. A Parceira no Ministério**

Lídia tem 52 anos. Os seus filhos já há alguns anos moram fora de casa e estudam. Isso dá a ela a possibilidade de dedicar-se ainda mais ao trabalho da comunidade. O seu marido, Rodrigo, que tem 55 anos, sabe que pode contar com ela. Eles agora já trabalham na quarta paróquia e passaram por algumas provas de fogo. Lídia e Rodrigo são bem unidos em assuntos de fé e discutem e planejam todas as atividades da comunidade juntos. O seu interesse principal no trabalho é ajudar as pessoas para que elas possam encontrar Jesus Cristo como centro da sua vida e a partir desta experiência conviver e cooperar ativamente na comunidade. Enquanto Rodrigo tem um enfoque nos cultos, ofícios, no ensino confirmatório e na organização de evangelizações, Lídia assumiu um papel de liderança no grupo da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE), no coral, no culto infantil e na visitação. Lídia é bem aceita na comunidade. As mulheres gostam de falar com ela, querem conselhos e sabem que a casa de Lídia está sempre aberta. Lídia também se sente feliz, mas de vez em quando se preocupa porque não sabe como vencer o trabalho e quase não tem tempo para descansar e resolver assuntos pessoais. Tem medo de que de repente ela ou Rodrigo fiquem doentes por causa da sobrecarga. De vez em quando se incomoda também porque tem que resolver mil coisas pequenas e se pergunta por que ninguém da comunidade assume.

Certamente Lídia e Rodrigo são um casal que muitas comunidades gostariam de ter. É importante constatar que a união espiritual ajuda Rodrigo no exercício do seu pastorado, porque ele se sente apoiado por sua esposa e vice-versa. Uma pesquisa mostrou que esta compreensão da função da esposa de pastor é muito freqüente em igrejas evangélicas e nas igrejas batistas. Essas mulheres querem servir praticamente a comunidade e não têm tanto interesse na auto-realização e numa carreira própria. Elas trabalham quando a situação financeira o torna necessário. Na sua vida Deus e o compromisso na comunidade vêm em primeiro lugar.

Parece-nos que Lídia assume a função de uma grande mãe na comunidade. De propósito não coloca limites e permite que os membros projetem sobre ela os seus desejos de serem cuidados. Assim Lídia se torna uma pessoa que pode se sentir importante para os outros e sente satisfação. Ela corre o risco de ser explorada e de cair num certo ativismo. O preço que paga pela atenção que ganha é o cansaço e a preocupação com problemas de saúde. Na vida particular há pouco espaço para assuntos que não sejam a comunidade. Podemos perguntar se Lídia, com suas várias atividades, além de animar muitas pessoas, não poupa também os membros de assumir mais a sua responsabilidade na comunidade.

## **2.2. A Mulher por trás do Marido**

Cristina era professora do Estado e teve que parar de trabalhar quando ela e o marido foram para o primeiro pastorado no Paraná. Em seguida ela engravidou e resolveu viver primordialmente para a sua família. Quando casou sabia que a profissão do marido era muito exigente e que precisava ajudá-lo na medida do possível. Agora ela está com 37 anos e o quarto filho fez 4 anos há um mês atrás. A situação familiar dificilmente lhe permite trabalhar ou assumir uma liderança na Igreja, mas ela também não quer se meter muito na área do marido Alberto. Tem uma grande admiração por ele, gosta de ouvir as suas prédicas e se sente orgulhosa dele. Para que ele possa dedicar-se exclusivamente à comunidade, ela assume o resto: a educação dos filhos, o cuidado da casa, a contabilidade. Ele sabe que pode contar com ela e, sem problemas, convidar pessoas para ir à sua casa, almoçar ou jantar com a família. Ao ausentar-se, não precisa se preocupar.

Cristina é também a conselheira do marido, o escuta e discute as questões da comunidade com ele, o apóia e consola quando ele está com problemas. No seu tempo livre ela participa de um curso de Inglês. O seu sonho é um dia poder estudar Psicologia. De vez em quando ela se sente sozinha e negligenciada pelo marido. Ela o queria mais tempo em casa e fica com ciúmes dos membros da comunidade que recebem mais atenção do que ela. No entanto, muitas vezes se lembra de que no início do casamento ele a advertiu de que para ele em primeiro lugar vem a comunidade e depois a família. Ela não gosta disso e se pergunta se isso está certo. Também gostaria de ter mais amigas e mais contato com os seus pais. Porém eles moram longe e Alberto acha que não é bom fazer amizades muito íntimas na comunidade.

Cristina vive numa certa dependência do marido. A profissão dele domina a sua vida e a vida da família. Ela se doa e, de vez em quando, se sacrifica para que ele possa brilhar. Participa indiretamente do sucesso dele como pastor e sabe que no fundo ela é muito importante para ele, que sem ela as coisas não iriam andar bem. Esse jeito indireto de participar da vida também corresponde a um certo medo que Cristina tem de aparecer. Ela não confia tanto nas suas próprias capacidades de fazer algo em público. A família é um refúgio onde se sente segura. Mas o preço que ela paga é certa solidão e isolamento. Essa solidão torna-se um problema para ela, porque o contato só com os filhos não é o suficiente.

Mas, ao que tudo indica, ela não quer continuar para sempre desse jeito. Ou vai cobrar mais atenção e presença de Alberto ou ela mesma vai procurar uma ocupação fora de casa que a realize. Pela responsabilidade que assume em casa ela dispensa, de certa forma, Alberto da sua responsabilidade como pai e marido. Isto é também uma forma de infantilizar o marido. Em casa ele é como um dos filhos, sob o poder do cuidado da esposa-mãe. Essa constelação existente no relacionamento mostra também uma dependência do marido. Se ela lhe desse uma

chance de desenvolver o seu lado familiar, ela teria mais oportunidades de desenvolver o seu lado público.

### **2.3. A Mulher Profissional**

Rute tem 30 anos e é dona de uma microempresa onde confecciona roupas. Desde que saiu da escola ela trabalhou, e, assim, manteve a família durante o tempo de estudo de Paulo. Quando fez 20 anos teve o primeiro filho e, por isso, não teve a possibilidade de formar-se. Na primeira comunidade viu que o salário não era suficiente e, junto com uma amiga e com um pequeno empréstimo, montou uma fábrica de roupas. Ela gosta muito desse trabalho e tem talento para fazer negócios. Sendo dona da empresa, é flexível com os horários. No início o marido era muito contra e dizia que fazer negócios não é tarefa da esposa do pastor. Porém ela não se sentia bem como mulher que permanece sempre na sombra dele e dizia: “Ser mulher de pastor não é uma profissão. Eu tenho os mesmos direitos de me realizar profissionalmente como tu, mas por causa do teu estudo e do teu salário eu não consegui estudar. Agora é a minha vez e a comunidade tem que aceitar isso.”

Rute vai ao culto e, na medida do possível, participa da comunidade, porém para ela a família e o trabalho são mais importantes. Diz ela: “Eu casei com meu marido e não com a comunidade. Participo na comunidade como qualquer outro membro. Ninguém pode exigir mais de mim.” Quando montou a empresa, estava bastante insegura se ia vencer as dificuldades e também tinha consciência suja porque tirava a atenção do marido, dos filhos e da comunidade. Hoje ela não se importa mais com comentários maliciosos. Uma empregada assumiu parte do trabalho em casa e também o marido assume tarefas domésticas. Quando ele falou uma vez que talvez fosse bom mudar de paróquia, Rute se negou porque não queria perder o seu negócio. Este assunto a preocupa.

Rute representa um tipo de esposa de pastor que tenta realizar o seu direito de ser tratada como igual. Ela não nega a importância do trabalho pastoral, mas o considera como uma profissão tão importante quanto a sua. O seu sonho é dividir de uma maneira igual as tarefas e as chances em casa e na profissão. Rute sabe que o seu jeito de ser esposa de pastor não fecha com as expectativas da comunidade e do próprio marido. Mas para ela a necessidade de ser independente é maior e representa uma condição para poder viver em paz e harmonia com a família.

Além disso, Rute tira as conseqüências de uma complicada situação financeira. Não aceita que a família do pastor passe necessidade por causa do salário baixo que a comunidade paga. Ela pensa: “Se a comunidade não paga o suficiente, ela também não pode exigir que a esposa do pastor trabalhe de graça para ela mais do que outros trabalham. Nesta situação a comunidade também tem que pagar um preço e aceitar que eu trabalhe fora de casa.” O preço que Rute paga é

ouvir certos comentários críticos por parte da comunidade e ter um sentimento de culpa por não fazer o máximo possível para a família. Para ela está claro que também outras não podem fazer tudo, mas, como essas, ela também gostaria de vez em quando de ser perfeita: uma supermãe, uma ótima dona de casa e uma esposa maravilhosa. Quando sente os seus limites, começa a sofrer, mas não quer outro tipo de vida.

Uma variação deste tipo seria a mulher desligada da comunidade. Ela propositalmente não se envolve com a comunidade nem com o trabalho do marido e coloca limites bem claros entre a vida familiar e a profissão do marido. Muitas vezes é uma mulher que vem de outra tradição religiosa e não se adapta à Igreja Luterana, ou não vive uma vida religiosa e não se interessa por isso. Também pode ser uma mulher que vem de outra cultura ou de uma classe social mais alta e não combina com o estilo de vida que predomina na comunidade.

Atualmente encontramos todos esses três modelos entre as mulheres de pastor da IECLB. Não é possível dizer que um seja mais certo e mais correto do que o outro. Queremos destacar aqui que são as mulheres que escolhem como querem ser esposa de pastor, como querem viver esse papel. As mulheres têm a liberdade de decidir sobre o seu caminho. Tornar-se esposa de pastor não significa que elas devam viver uma vida mais santa do que os outros membros da Igreja. Ser pastor e ser casada com um pastor na comunidade é muitas vezes considerado um sacrifício. Certamente a vida ao lado de um obreiro da Igreja acarreta certas restrições e dificuldades, especialmente na parte financeira e nas relações com a família de origem, assim como a vida ao lado de um funcionário de uma empresa que o transfere de um lugar para outro e exige o apoio incondicional da esposa.

O casamento com um pastor certamente será muito difícil quando a esposa não aceita as características do seu trabalho, não compartilha a fé cristã e não tem compreensão pela vocação dele. Isto não significa que a vocação dele seja igual à vocação dela. Ela é um membro do corpo de Cristo que, a partir do sacerdócio de todos os crentes, tem o direito e o dever de participar ativamente da comunidade conforme os seus dons. Mas ninguém tem o direito de exigir mais dela.

### **3. O Sistema da Família do Pastor: Família Nuclear na Família Extensa da Comunidade**

A família do pastor não é diferente de qualquer outra família. Isto significa que ela pode ser considerada como um sistema construído pela comunicação entre os seus membros. Esta visão da família como sistema implica que cada indivíduo depende de todos os outros quanto ao seu bem-estar. Problemas e conflitos de um afetam a todos. A afirmação do apóstolo Paulo sobre o corpo de Cristo: “Se um membro do corpo sofre, todos são afetados, se um se alegra, todos se alegram”

exprime exatamente essa interdependência que também encontramos no sistema familiar. Isto pode nos fazer pensar que a comunidade como corpo de Cristo também é um sistema social que tem um caráter de família extensa. Neste sentido a família do pastor é como uma família nuclear dentro de uma família maior, a família extensa da comunidade. A percepção do inter-relacionamento dos dois sistemas pode nos ajudar a compreender problemas típicos das famílias pastorais e especialmente das esposas. Não temos aqui condições de explicar extensamente o funcionamento da família como sistema. Queremos apontar apenas três fatores:

**3.1.** O sistema familiar pode tentar resolver conflitos que são criados pelo contexto social ou que os seus membros trazem consigo a partir da sua história definindo um membro da família como paciente. Esse paciente identificado é conhecido na linguagem popular como a “ovelha negra” da família ou como o “bode expiatório”. Os pacientes identificados geralmente representam o conflito que os outros não arriscam viver. Dessa forma, a filha de pastor que foge de casa e “cai na vida” pode ser aquela pessoa da família que, de uma maneira muito fiel, vive a liberdade e a sexualidade reprimida que os outros não arriscam viver com medo de ser punidos na comunidade.

**3.2.** Em cada sistema familiar existem limites para fora, entre pais e filhos e entre os cônjuges. O ideal é que esses limites sejam firmes, mas permeáveis. Um perigo especial para a família do pastor é a “conflação”<sup>3</sup>, onde se perdem os limites entre trabalho e vida particular. A comunidade é o único assunto nas conversas familiares, a casa está sempre aberta para visitantes, hóspedes e membros da comunidade. O pastor e sua esposa estão sempre à disposição dos outros. Numa família assim dificilmente há momentos em que os pais e os filhos estão entre si. O problema numa família assim é que os filhos podem se sentir negligenciados pelos pais e que há uma sobrecarga especialmente da esposa. Por outro lado, todos podem achar muita gratificação adotando a comunidade como a sua família. Especialmente casais de pastores devem cuidar-se para que a comunidade não invada também o seu espaço íntimo. Quando também na cama o casal começa a falar sobre assuntos da comunidade, alguma coisa está errada.

O oposto desse tipo de família é aquela que coloca limites muito rígidos e se fecha contra qualquer contato de fora. Os moradores da casa pastoral sentem-se observados e controlados pela comunidade. Para preservar sua privacidade, eles limitam muito os contatos para fora: a esposa participa pouco dos grupos, o pastor mantém o seu tempo para a comunidade extremamente controlado. Em tal sistema fechado, as relações com a comunidade podem tornar-se bastante cansativas porque todos precisam de muita energia para controlá-las.

**3.3.** A teoria sistêmica da família diz que famílias podem criar certos mitos. O mito é uma teoria que explica como um grupo vê a si mesmo. Geralmente esses

mitos servem para encobrir conflitos de um grupo. Talvez o mito mais poderoso da família do pastor seja aquele de que ela é a família exemplar, a imagem ideal da convivência entre as gerações. Já observamos que esse mito foi criado no século passado, justamente na época em que a Revolução Industrial, através de grandes migrações de trabalhadores, começou a destruir os laços familiares tradicionais. O ideal da família do pastor como família exemplar encobre esse conflito que também hoje em dia está presente nas comunidades de uma maneira muito mais radical ainda. Suspeitamos que as pessoas que cobram fortemente que a esposa do pastor e sua família devem dar um exemplo projetem sobre eles aquilo que elas próprias desejam viver e não conseguem mais viver. Parece que essas idéias ainda estão mais fortemente presentes em comunidades do interior e entre membros que pertencem à comunidade por motivos tradicionais, mas pouco participam.

Se nós e as pessoas nas nossas comunidades temos que aprender uma lição importante, é esta: a família do pastor não serve de exemplo e de fundamento da vida familiar. Dizer que a família do pastor não é exemplar tem uma implicação teológica: na casa pastoral moram seres humanos que são pecadores e carecem da graça divina para poder viver. Isto quer dizer que a esposa de pastor que se defende de consciência limpa contra tais idealizações e não aceita a camisa-de-força que alguns lhe querem vestir, no fundo ajuda a comunidade a encarar a realidade familiar assim como ela é, e a reconhecer-se como pecadores e a buscar perdão.

Temos que perguntar também em que medida o sistema jurídico da Igreja, que ameaça o pastor e a sua esposa com processos disciplinares quando eles se separam, contribui para manter essa família sob o poder de um mito prejudicial. Se a família do pastor não é uma família ideal, ela também irá viver crises e pode fracassar. Não tem sentido colocar a separação do pastor e de sua esposa sob a ameaça de um processo disciplinar. O resultado é que os conflitos permanecem tanto tempo debaixo do pano até que estouram. Quando eles procuram ajuda porque correm o risco de divorciar-se, muitas vezes já é tarde demais porque a pressão de fora no sentido de que “isto não se faz na casa pastoral” os levou a negar os conflitos durante muito tempo.

**3.4.** Se as relações entre a família do pastor e a comunidade podem ser vistas como relações familiares, compreende-se que o pastor e a sua esposa facilmente entrem no papel dos filhos que são alimentados e controlados pela comunidade. A dependência manifesta-se claramente na questão do salário e da casa pastoral. O salário tem que ser constantemente negociado e, para a maioria, é baixo demais e cria problemas no orçamento da família. Como crianças que querem um aumento da mesada, o pastor e a sua esposa têm que negociar o seu salário e justificar por que precisam de mais dinheiro.

Essa obrigação de justificar-se e de exigir de uma comunidade em que a maioria dos membros é mais pobre do que o pastor e não tem uma casa como ele

cria um mal-estar ou certas agressões. Ambas as reações atestam, de certa forma, a dependência infantil que de repente torna a comunidade uma mãe chata e o presbitério um pai autoritário e pão-duro. Ele exige que o pastor e a esposa sejam representantes da classe média, mas os paga com um salário inferior. Também a residência na casa pastoral tem tal aspecto. Essa casa pertence à comunidade que a põe à disposição do pastor, bem como o carro da paróquia. Ela permanece uma casa sob controle público, e, não pagando aluguel, a família vive lá quase que graças à boa vontade dos outros. Para evitar conflitos paternalistas, é melhor que a esposa do pastor participe das negociações do salário e coloque o seu ponto de vista.

Por outro lado, a casa pastoral, que em muitas comunidades ainda se encontra no centro da cidade ou da vila e ao lado da igreja, indica uma posição de destaque, uma posição simbólica do pastor e da sua esposa na comunidade. Os membros projetam sobre eles o papel de um pai e de uma mãe idealizados, ou relacionam a imagem do pastor com a sua imagem de Deus e o vêem quase como Deus Pai, um ser superior, um pai bondoso e protetor. A partir dessa transferência as pessoas concedem ao pastor e à sua esposa uma grande autoridade, lhes oferecem confiança e amor, de vez em quando também atitudes submissas e servis. Isto é uma faca de dois gumes, pois a transferência pode ser uma motivação forte para cooperar na comunidade e ir ao encontro do pastor e da sua esposa. Em situações de conflito, porém, as mesmas pessoas podem se rebelar contra o pastor-pai e a sua esposa-mãe. Especialmente quando se sentem traídos na confiança e obediência que ofereceram a eles como filhos, os membros da comunidade podem sentir raiva e tentar inverter os papéis.

Isso quer dizer que a situação da família do pastor na comunidade é um tanto frágil. A melhor consequência que eles podem tirar é viver o menos possível o papel de pai e mãe ou de filhos obedientes ou rebeldes em relação à comunidade. O lema deve ser: minimizar a transferência! O ideal para essa relação é que seja uma parceria adulta em que todos cooperam por causa do seu interesse a partir da fé cristã, se respeitam como iguais e tentam formar uma equipe, um time que sabe que todos são membros iguais do corpo de Cristo e que cada um contribui conforme o seu dom e precisa do apoio dos outros.

#### **4. Situações de Conflito na Casa Pastoral**

A existência pública do casal formado pelo pastor e sua esposa cria relações pessoais com os membros da comunidade que necessariamente também têm uma conotação sexual. A sexualidade faz parte de cada relação, ela faz com que nos interessemos por uma pessoa e sintamo-nos atraídos. Ela é a força que une as pessoas, e assim é algo muito bom e importante. Profissionais que trabalham individualmente com pessoas, como médicos, dentistas, psicólogos, professores e

advogados, conhecem o velho problema que ocorre quando uma paciente, cliente ou aluna ou, caso o profissional seja uma mulher, um paciente, cliente ou aluno, se apaixona por eles. Desde as descobertas de Freud sobre a transferência todo o mundo sabe que esses sentimentos no fundo se dirigem a uma outra pessoa, ao pai ou à mãe que amava-se na infância. Mesmo assim, eles não deixam de ser verdadeiros e, de qualquer forma, precisam ser vividos e resolvidos.

A mesma coisa acontece também na relação entre paroquianos e o pastor ou a sua esposa. Mesmo não querendo, eles atraem pessoas, despertam desejos e paixões. Por outro lado, também não são de ferro, sentem-se atraídos por uma ou outra pessoa, gostam de trabalhar mais com alguns e rejeitam outros. Para a esposa do pastor isso pode criar uma situação delicada. De repente ela observa como uma mulher que se sente muito sozinha aproxima-se do seu marido, o procura frequentemente por qualquer coisinha. É natural que ela fique com ciúmes. Também pode ter medo de que ele ou ela tornem-se alvo de fofocas na comunidade.

Essa situação é muito delicada e a sexualidade ainda não deixou de ser um tabu nas famílias de pastor. Quer dizer: ele não arrisca dizer a ela como se sente, para não a preocupar ou despertar ciúmes. Ela também não quer tocar no assunto, e assim eles vão levando a coisa. Outra possibilidade é que eles se envolvam em constantes brigas por causa de ciúmes e a mulher comece a policiar o marido, imaginando coisas que possam estar acontecendo.

É preciso que cada casal desde o início admita que esses problemas existem e que eles devem aprender a lidar de uma maneira realista com a sua sexualidade também em relação aos paroquianos. É necessário que os dois conversem sobre isso para manter a confiança entre eles. Quando sentem problemas no casamento e notam que o ciúme por causa da relação com os paroquianos ainda aumenta as dificuldades, é imprescindível que procurem um grupo de casais, um serviço de aconselhamento ou terapia familiar que lhes ajude a clarear a situação. É sabido que situações assim, quando não são trabalhadas, podem levar a sérios conflitos na família e na comunidade.

*“Pfarrers Kinder und Müllers Vieh geraten selten oder nie”* (literalmente: “Os filhos de pastor e o gado do moleiro vingam raramente ou nunca”). Este ditado popular alemão indica que já há séculos a atmosfera na casa pastoral não parece ser a mais favorável para os filhos. Assim como as vacas do moleiro comem milho e trigo demais e não se desenvolvem bem, também os filhos do pastor se criam num ambiente carregado de piedade e moral, fato que facilmente provoca atitudes de protesto que os levam a fracassar na escola, cair no mundo das drogas, fugir de casa. Um idealismo problemático dos pais contribui para que ocorram tais situações. Se o pai e a mãe vivem em função da comunidade, se sentem pressionados para manter uma certa aparência pastoral e também em casa não deixam cair a máscara, os filhos têm poucas possibilidades de sentir o pai e a mãe próximos, conhecer os seus lados fracos, sentir como eles sofrem com problemas e tentam resolvê-los. Uma pesquisa feita na Alemanha sobre os princi-

pais problemas de famílias de pastor que procuraram ajuda aponta que muitos pastores vivem um “falso *self*”, uma fachada piedosa que eles mesmos não conseguem perceber. Sentem-se sempre responsáveis, sempre no papel pastoral, querendo ajudar os outros e não admitindo a sua própria fraqueza. Eles até tentam ser os pastores da sua própria família, confundindo assim profissão e relações íntimas e preservando-se de encontros imediatos com a esposa e os filhos que detectam os seus limites, incapacidade e fraqueza. Muitos pastores e também as suas esposas viveram uma infância infeliz, que tentam compensar agora vivendo a ajudar os outros. Depende muito de a esposa do pastor conseguir despertar o marido para esses problemas e ir além da fachada. Ela deve insistir e obrigá-lo a ser autêntico com ela e com os filhos.

## 5. Conclusão

Tentamos descrever nesta contribuição os aspectos mais importantes da função da esposa de pastor dentro da sua própria família e em relação à comunidade. É claro que a situação individual de cada casal é singular. Neste sentido as nossas reflexões querem convidar para que cada uma comece a pensar sobre o seu próprio papel como esposa de pastor e sobre a vida que deseja ter.

A nossa descrição deixou claro que a vida da esposa de pastor continua sendo altamente influenciada pela profissão dele. Porém nas últimas décadas houve mudanças decisivas na autocompreensão das mulheres, bem como nas expectativas das comunidades. Isto permite a cada esposa de pastor escolher a maneira como vive o seu papel como esposa, mãe e mulher cristã que faz parte do corpo de Cristo. É importante que a esposa de pastor negocie constantemente esse seu papel e os seus interesses com o marido. Eles devem se entender sobre a maneira como ele cumpre a sua função como marido, pai e pastor, e sobre a maneira como ela se relaciona com a comunidade.

Cada casamento pode ser descrito como um contrato não-escrito entre os parceiros. Quando mudam a situação e as condições de vida, esse contrato muitas vezes tem que ser retrabalhado. Neste sentido achamos necessário que também um casal formado pelo pastor e sua esposa retrabalhe o contrato do seu casamento quando um deles achar necessário. É bem possível que uma mulher que durante anos estava contente por assumir o papel da “mulher atrás dele” queira mudar quando os filhos estiverem crescidos e tornar-se uma profissional. Também faz sentido tentar planejar na medida do possível o futuro da família, p. ex., de tal forma que cada um dos parceiros tenha um tempo em que os seus interesses tenham prioridade.

## Bibliografia

- CARTER, Betty & McGOLDRICK, Monica, orgs. *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar; uma Estrutura para a Terapia Familiar*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.
- DOUGLAS, William. *Ministers' Wives*. New York, Harper & Row, 1965.
- FRIEDENTAH, Richard. *Luther; sein Leben und seine Zeit*. München/Zürich, Piper, 1967.
- FRIEDMAN, Edwin. *Generation to Generation: Family Process in Church and Synagogue*. New York, Guilford, 1985.
- GÖTZ, Hanna. Das Wasser riss den Pfarrer vom Pferd. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, nº 12, 2ª quinzena de julho, 1995.
- . Pfarrer's Jeep blieb im Rio Rolante stecken. *Jornal Evangélico*, nº 13, 1ª quinzena de agosto, 1995.
- MINUCHIN, Salvador. *Famílias: Funcionamento e Tratamento*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.
- OBERMAN, Heiko A. *Luther; Mensch zwischen Gott und Teufel*. Berlin, Severin und Siedler, 1982.
- RIESS, Richard, org. *Haus in der Zeit*. München, Chr. Kaiser, 1994.
- SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph & STRECK, Valburga Schmiedt. Aconselhamento Pastoral da Família. *Estudos Teológicos*, 34(2):184-198, 1994.
- SINCLAIR, Donna. *The Pastor's Wife today*. Nashville, Abingdon, 1981.
- STRECK, Edson & WEHRMANN, Günter. Obreiros Podem falar de Seus Conflitos? *Estudos Teológicos*, 28(3):263-281, 1988.

## Notas

- \* Palestra apresentada no 1º Encontro de Esposas de Pastores da Região Eclesiástica IV, em 19 de agosto de 1995.
- 1 William DOUGLAS, *Ministers' Wives*, p. 2.
- 2 Donna SINCLAIR, *The Pastor's Wife today*, p. 80.
- 3 ID., *ibid.*, p. 111.

Christoph Schneider-Harpprecht  
Valburga Schmiedt Streck  
Escola Superior de Teologia  
Caixa Postal 14  
93001-970 São Leopoldo — RS